



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA EDUCAÇÃO**

**JOÃO DA FONSECA SOARES**

**Orientador: Prof. Dr. Geder Parzianello**

**ENSINO REMOTO: O ANTAGONISMO DIGITAL EM ESCOLAS RURAIS**

**São Borja/RS, 2023**

**JOÃO DA FONSECA SOARES**

**ENSINO REMOTO: O ANTAGONISMO DIGITAL EM ESCOLAS RURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Pós-graduação Lato Sensu em Mídia Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídias e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Geder Parzianello

**São Borja/RS, 2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S676e Soares, João da Fonseca

Ensino Remoto: o antagonismo digital em escolas rurais / João da Fonseca Soares.

25 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -- Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO, 2023.

"Orientação: Geder Parzianello".

1. Ensino Remoto. 2. Escolas Rurais. I. Geder Parzianello II. Ensino Remoto: o antagonismo digital em escolas rurais.

**JOÃO DA FONSECA SOARES**

**ENSINO REMOTO: O ANTAGONISMO DIGITAL EM ESCOLAS RURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 14 de março de 2023.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Geder Luis Parzianello

Orientador

(Unipampa)

---

Prof.ª Ma. Sandra Barbosa Parzianello

(UAB/Unipampa)

---

Prof. Me. Sidney Pires Martins

(IFMG)



Assinado eletronicamente por **GEDER LUIS PARZIANELLO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/03/2023, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Sandra Regina Barbosa Parzianello, Usuário Externo**, em 14/03/2023, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Sidney Pires Martins, Usuário Externo**, em 15/03/2023, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1062811** e o código CRC **ABFF37F1**.

# ENSINO REMOTO: O ANTAGONISMO DIGITAL EM ESCOLAS RURAIS

João da Fonseca Soares<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo oferece um estudo bibliográfico relativamente ao ensino escolar durante a pandemia de COVID-19 com foco nas novas tecnologias, apoiado no esforço descritivo e interpretativo da educação nas escolas rurais do município de Quaraí-RS, entre os anos de 2020 e 2021. Amplia as discussões para as disparidades tecnológicas existentes naquele ambiente escolar que foram fatores decisivos na introdução do ensino remoto e que afetaram, diretamente, o processo de ensino-aprendizagem naquelas comunidades. A pesquisa atenta para o processo de evasão escolar dos jovens enquanto um fenômeno localizado na realidade do interior e que pode estar atrelado ao ambiente escolar pouco atrativo e menos vantajoso em relação a outros de trabalho que proporcionam uma renda maior e um conhecimento mais prático, como por exemplo, trabalhar na informalidade em pequenas propriedades rurais com o apoio da família.

A estrutura educacional, em escolas periféricas urbanas e também nas rurais, na sua maioria, ficara atrelada ao século passado e recebera alguns jovens da geração digital com informações diversas, clamando por uma nova educação e, outros, sem acesso a nenhuma tecnologia, dada a diversidade de mundos sociais no ambiente escolar em evidência ainda maior naquele momento histórico. O acesso à rede mundial de computadores e às novas tecnologias não é possível em boa parte desses locais sejam nas periferias ou no campo, e nem para muitos desses jovens, por isso, o artigo ressalta as estratégias da rede municipal de ensino de Quaraí para suprir as demandas distintas que circundam o ambiente escolar com o objetivo de construir uma educação de qualidade e para todos, inclusive, para aqueles jovens

---

<sup>1</sup> Diretor na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Tubino.  
Licenciatura Plena em História e Licenciatura em Educação Física.  
Especialização em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão.  
Especialização em História e Cultura Afro-brasileira.  
E-mail: joaodfs.aluno@unipampa.edu.br

que tinham ausência de sinais telefônicos, de internet e ou que viviam em regiões distantes onde o ensino remoto chegava tão somente pelo transporte escolar.

Palavras-chaves: Ensino; Disparidade; Pandemia; Evasão; Tecnologia; Estratégias.

### **ABSTRACT**

This article offers a bibliographical study regarding school teaching during the COVID-19 pandemic, focusing on new technologies, supported by the descriptive and interpretative effort of education in rural schools in the municipality of Quaraí-RS, in the period between the years 2020 and 2021. It extends the discussions to the existing technological disparities in that school environment that were decisive factors in the introduction of remote teaching and that directly affected the teaching-learning process in those communities. The research pays attention to the school dropout process of young people as a localized phenomenon that may be linked to the unattractive and less advantageous school environment in relation to others that provide a higher income and more practical knowledge, such as working informally in small rural properties with the support of the family. The educational structure, in peripheral and rural schools, for the most part, was linked to the last century and received some young people from the digital generation with diverse information, clamoring for a new education, and others, without access to any technology, given the diversity of worlds in the school environment in even greater evidence at that historical moment. Access to the global computer network and new technologies is not possible in most of these peripheral and rural locations, nor for many of these young people, therefore, the article highlights the strategies of the municipal education network of Quaraí to meet the different demands that surround the school environment with the aim of building a quality education for everyone, including those young people who had no telephone or internet signals and/or who lived in distant regions where remote education arrived only by school transport.

Keywords: Teaching; Disparity; Pandemic; Evasion; Technology; Strategies.

## INTRODUÇÃO

Apesar de ter nascido em uma época com inúmeras transformações históricas na sociedade, ter absorvido aspectos culturais importantes da década de 1990, ser reconhecido, atualmente, como sujeito da geração Y (*millennials*), sempre ainda me pergunto por que não consigo visualizar transformações no ambiente escolar e nos métodos de ensino, principalmente, em escolas rurais e periféricas como a que na qual trabalho. Essa era e ainda é uma interrogação que me acompanha no trabalho de professor. Por que a escola não se transformara, se toda a sociedade passara por inúmeras mudanças? Se o jovem é da era digital, por que a escola é ainda tão analógica? Evidentemente, que respondê-las nem sempre é tão simples e nem pode ser a proposta conclusiva desse artigo. Fazer perguntas pode ser tão ou mais relevante para o desenvolvimento da ciência quanto pretender respondê-las. Nesse sentido, este artigo é, em certa medida, um artigo também filosófico.

Perguntas como estas estão sempre ainda muito presentes nos debates sobre educação e, muitas vezes, ficam sem respostas. Porém, a reflexão sobre essas perguntas gera análises que tomo como relevantes e que me apontam que os atores sociais que atuam no ambiente escolar como funcionários, professores e gestores deveriam, constantemente, fazer as mesmas reflexões. Estamos em um ambiente escolar composto de múltiplas gerações de sujeitos e com diferentes realidades sociais. Entre elas, destacamos a da transição do analógico para o digital, havendo os que iniciaram sua alfabetização (escrita e leitura) sem o auxílio das tecnologias digitais, mas, que hoje, pertencem a um ambiente cercado pelas tecnologias, num sentido mais geral e menos conceitual do termo, e com alunos ligados nas redes sociais e nas informações de maneira instantânea.

A pandemia da COVID-19 gerou novos questionamentos: Os agentes escolares que desenvolvem a aprendizagem estariam, afinal, preparados para acompanhar as transformações exigidas por esta sociedade tecnologizada? Será que esses atores sociais estavam mesmo dispostos a se atualizar para uma nova educação e uma nova escola como a realidade lhes exigia? As políticas públicas educacionais reconhecem que a mudança precisava iniciar o quanto antes? As disparidades sociais são realmente levadas em consideração nos planos

educacionais? Os jovens querem ficar em um ambiente escolar tradicional? Vejam que as perguntas se somam e que as dúvidas são em muito maior número que as respostas que possamos alcançar.

Ainda ficamos sem respostas claras para esses e outros questionamentos e seguimos com um ambiente escolar ultrapassado e sem métodos de ensino atualizados, ligados minimamente a novas tecnologias digitais. Nesse contexto, as novas tecnologias seriam o elo com as novas gerações e o trampolim para uma educação escolar mais atrativa para os jovens e um caminho para uma equidade educacional, de combate à evasão e ao desinteresse dos estudantes.

Autores como Rosa (2012) descrevem que a geração Z vem tendo maior dificuldade em se adaptar ao sistema de ensino que outras gerações. Um dos motivos disso seria que eles consideram a escola um espaço desconectado do mundo, ou seja, que a escola não atrai mais as novas gerações e não provoca mudanças no pensar e agir desses jovens. Nada mais óbvio para quem *vive o chão da escola*. Mas, novos questionamentos decorrem dessa proposição descrita da realidade: Somos capazes de mudar a educação escolar? A pandemia acelerou a inserção das novas tecnologias ou colocou em xeque a educação brasileira? Os antagonismos sociais e digitais realmente são pensados nos currículos escolares? Perguntas e mais perguntas. Este é o anseio de todo professor consciente dos seus desafios diários. Obviamente que nenhum artigo pode pretender responder a todas estas questões, mas é muitas vezes crucial saber fazê-las.

A escola pública precisa estar conectada aos novos modelos de ensino e os componentes que gerenciam o processo de ensino-aprendizagem precisam estar preparados para os novos desafios da educação, entre eles, os do mundo digital e do mundo do teletrabalho. Sabemos o que deve ser e precisa ser feito. Mas a realidade custa a mudar.

A educação escolar sofreu um choque de realidade durante o período pandêmico, acentuado à percepção sobre os inúmeros conflitos sociais existentes no ambiente escolar, além do que, acabou por levantar inúmeros outros questionamentos, e justamente por isso, muitas respostas foram instantâneas e sem um estudo mais detalhado das ações que se fizeram urgentes e necessárias, mas que, nem por isso, tiveram resultados menos positivos em relação ao contexto que

se apresentava. Foi a prova de que mudanças podem acontecer quando não se tem mais alternativas à frente. Foi o que aconteceu na Pandemia da COVID-19.

Nesse sentido, a educação escolar do interior do município de Quaraí, que é a realidade empírica do meu trabalho, foi sendo construída em cima de um cenário nunca visto antes e também vivido por escolas no mundo inteiro, em que as soluções foram surgindo da forma como viável, como possíveis, suprimindo as necessidades das inúmeras realidades existentes que não eram totalmente ainda analisadas pelos gestores educacionais e sempre prorrogadas para um futuro incerto. As novas realidades sociais surgiram e construíram novos desafios que precisaram ser superados durante e após a pandemia. As transformações foram abruptas. Obviamente, o contexto não foi diferente em praticamente toda a realidade da educação, mas, no presente artigo, focamos na descrição e reflexão sobre o problema a partir da realidade vivenciada no chão da escola onde trabalhamos. Nesse sentido, a pergunta de pesquisa foi como um município rural e cujas condições são mesmo precárias para a educação enfrentou a questão do ensino no período pandêmico. Pensamos que o relato dessa experiência vivida funcione como resposta a esta questão e possa servir de fato de registro histórico sobre um tempo de prolongadas dificuldades e de realidades ainda mais pesadas como a do enfrentamento do vírus da COVID-19.

## **2. OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DURANTE A PANDEMIA NAS ESCOLAS RURAIS**

Durante os anos de 2020 e 2021, um novo modelo de trabalho (o teletrabalho) surgiu, para muitos brasileiros, ampliando o chamado *home office*<sup>2</sup>, transformando intensamente as relações de trabalho, agregando aspectos positivos e negativos na vida em geral e, por extensão disso, também na educação. Nas relações trabalhistas, esse foi o novo modelo e por muitos foi muito bem aceito. Já no ambiente escolar, a novidade do ensino chamado de remoto, foi incorporado mesmo com dificuldades, o chamado “ensino híbrido”, que havia sido definido como um programa de educação formal que mescla momentos em que o aluno estuda os

---

<sup>2</sup> É uma expressão inglesa que significa escritório em casa, na tradução literal para a língua portuguesa.

conteúdos e as instruções usando recursos on-line e outros, em que o ensino ocorre em sala de aula, podendo interagir com outros alunos e com o professor (BACICH e MORAN, 2018, p.82).

Esse modelo de ensino surgiu como sendo uma das soluções instantâneas geradas no período pandêmico e pós-pandêmico para resolver os problemas históricos da educação brasileira, como por exemplo, evasão escolar de alunos que moram em regiões periféricas e no interior dos municípios e que possuem uma baixa renda familiar. Nesses contextos, tinham como foco minimizar as disparidades educacionais; porém, os resultados se deram de maneira inversa ao previsto, pois se acentuaram ainda mais os antagonismos sociais, econômicos e digitais das escolas públicas e tantas outras disparidades existentes entre os educandos.

Apesar desse modelo reconhecido como para educação do futuro, ele não se aplicava da mesma forma nas escolas rurais, já que nessa outra realidade pedagógica, a ausência de internet, as longas distâncias e as inúmeras diferenças sociais impediam sua efetivação. Foi exatamente isso que se deu no interior de Quaraí, município do interior do RS, onde trabalho, localizado aproximadamente a 600 km da capital, Porto Alegre. Claro que outras novas estratégias foram também construídas para buscar sanar as barreiras educacionais daquela realidade escolar, mas, nos cumpre aqui, em certo sentido, escolher descrever algumas e repensá-las.

O ensino híbrido, assim, como os outros métodos de ensino que foram inseridos rapidamente para compensar a lacuna escolar que a pandemia estava abrindo, principalmente, devido às ações governamentais que afastaram o aluno do ambiente escolar (o distanciamento social e o fechamento das escolas) reduziu ainda mais o acesso a uma educação de qualidade a todos os jovens. Junto com os novos modelos de ensino e com as ações governamentais, novas visões sobre educação surgiram e, rapidamente, a escola foi inserida dentro da casa das famílias e os professores e alunos tiveram que fazer mudanças bruscas no seu modo de ensinar e de apreender. O brusco foi o que, em larga medida, assustou a muitos educadores e os fez, a nosso ver, rejeitar mudanças ou resistir a inovações.

Assim, as pedagogias tradicionais de ensino, as quais eram referência em inúmeras escolas antes da pandemia, mantiveram-se em vigor em muitas delas, apesar de o momento exigir um novo modelo de ensino. Um dos fatores para que isso acontecesse fora uma ausência considerada de recursos digitais,

principalmente, pela falta de internet em regiões periféricas como as rurais, acentuadas as desigualdades digitais entre estudantes e provocada uma real lacuna entre eles na questão da aprendizagem. Conforme Costas (2021, pág. 146), “os efeitos da pandemia colocam uma lupa nas desigualdades econômicas e sociais, que se agravam no nível digital”. Muitos estudantes da zona rural, sem acesso à internet e às novas tecnologias digitais, receberam em suas residências, materiais impressos e apostilas cheias de conteúdos nunca antes vistos na escola. Simplesmente, o material era entregue quinzenalmente e se realizava um breve diálogo com a equipe diretiva e com alguns professores para sanar possíveis dúvidas (na maioria das vezes, o fato é que inúmeras dúvidas surgiam), porém, esse método de ensino-aprendizagem foi utilizado pelo município de Quaraí (RS), para compensar a ausência de aulas presenciais e cumprir os duzentos dias letivos (ainda que a exigência de cumprimento dos dias letivos, no entanto, fora minimizada através de portarias ministeriais) previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

As disparidades sociais e as dificuldades de inserção de novos métodos de ensino não foram algo exclusivo do município de Quaraí. Muitas dessas ações, talvez, não foram as mais adequadas, mas, era o que se tinha para o momento. Mesmo para grandes municípios, como no caso do Rio de Janeiro, que incluiu “o acesso a plataformas com tarefas para os alunos e produção de videoaulas, gravadas e ao vivo, em colaboração com a empresa MultiRio e transmitidas pelo Youtube e pela TV escola” (COSTAS, 2021, pág. 147) as desigualdades sociais dificultaram a inserção dos novos modelos de ensino para todos os estudantes da rede municipal, métodos esses voltados para as novas tecnologias. Embora sejam realidades distintas e que não devam e nem são aqui colocadas no sentido de uma comparação, mas de uma ampliação da realidade constatada, haja vista que nas dificuldades em ambos os contextos, embora tão distintos, pareceu ser em certa medida realmente a mesma.

O fato aponta para uma realidade de que a implantação de tecnologias na educação não é apenas também uma questão de acesso. Apesar de toda dinâmica da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro para inserir os recursos digitais, percebeu-se “uma condensação das desigualdades socioeconômicas com as digitais: a maioria das famílias na favela carece de uma boa e rápida internet, bem

como de computadores, espaço físico tranquilo, tempo e recursos didáticos e pedagógicos para acessar ao conteúdo das plataformas, do aplicativo ou das apostilas. O resultado é uma elevada taxa de abandono e evasão escolar” (COSTAS, 2021, pág. 147).

Observando-se esse cenário educacional do aumento da evasão escolar, devido ao fato de que muitos jovens seguem para o mercado de trabalho informal, (como para trabalhar em pequenas propriedades, de agricultura familiar e que cultivam, por exemplo, a uva e ou criam animais para a subsistência da família, ou até mesmo que realizam trabalho em grandes propriedades rurais, na condição de peões de estância), assim como o conseqüente abandono dos estudos, a evasão escolar, sobretudo, no interior do município, é um problema recorrente e já que, muitas vezes, acontece o aumento da renda familiar e se torna mais atrativo o trabalho que o ambiente escolar, levando os jovens a terem que fazer uma opção.

As escolas rurais antes da pandemia e pós-pandemia acompanham com frequência esses modelos de trabalho e realizam as denúncias necessárias junto aos órgãos competentes, como o Conselho Tutelar. Durante o período pandêmico, esse acompanhamento ficou comprometido, pois as atividades escolares impressas viam completas e os professores ficavam sem saber se realmente eram realizadas pelos estudantes ou por familiares que maquiavam o trabalho informal dos filhos e ou uma falta de dedicação dos mesmos aos estudos.

Diante da falta de recursos digitais, além da desmotivação de muitos estudantes e de seus familiares, pareceu-nos evidente que a educação escolar precisava rever os seus métodos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, os caminhos que poderiam alterar esse cenário ou, em outros termos a sua viabilidade “consistem na implantação de metodologias ativas e na criação de ambientes de aprendizagem que promovam a construção de conhecimento e permitam a integração das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) nas atividades curriculares” conforme Bacich e Moran (2018).

As políticas públicas atuais voltadas para a educação precisariam, então, rever o cenário educacional independentemente do local da instituição escolar e do nível socioeconômico dela. Uma nova visão educacional que se amplia para os inúmeros antagonismos que cercam o ambiente escolar e que a pandemia enalteceu no momento que as escolas rurais passaram a ser “itinerantes”, pois periodicamente

o ensino remoto das escolas rurais chegava pelo transporte escolar no ambiente social de cada aluno, que até então era algo que ficava simplesmente em algumas reuniões dos professores com a equipe diretiva e que, muitas vezes, não são considerados nas avaliações internas e externas das instituições e nem nas ações governamentais. Sendo assim, nesse jogo de ensino-aprendizagem ligado às novas tecnologias, que foi enaltecido pela pandemia e pelos novos modelos de ensino, colocaram-se as escolas rurais no banco de reserva, por isso, estratégias tradicionais e mais primitivas (analógicas) foram colocadas em prática nas escolas rurais para suprir a demanda dos alunos do interior. Nesse contexto, as escolas rurais ficaram na contramão dos novos modelos de ensino ligados ao mundo digital. Mesmo suprindo-se com algum êxito e coragem os desafios impostos pela pandemia da forma como possível e com os alunos recebendo o necessário para o avanço escolar naquele cenário nunca visto antes em nossa sociedade. Trata-se aqui de uma inferência nossa e não exatamente decorrente de pesquisa bibliográfica, e feita apenas do questionamento reflexivo sobre a realidade experienciada. Metodologicamente falando, o que realizamos foi um relato de experiência vivencial, cujas inferências finais são fruto, por ora, muito mais de nossa observação participante que de extensa pesquisa com maior preocupação tradicional acadêmica.

### **3. O ANTAGONISMO DIGITAL, ATRASO TECNOLÓGICO E O PROCESSO DE EVASÃO ESCOLAR**

Com a pandemia, as transformações metodológicas do trabalho de alguns professores foram necessárias com uma aceleração nunca antes vista, por isso, certos grupos não conseguiram realizar a sua adaptação aos novos modelos de ensino (aulas virtuais, remotas e emergenciais), seja pela falta de conhecimento das novas tecnologias digitais, pela falta de interesse em modificar a sua metodologia de ensino ou pela falta de tecnologia digital em áreas rurais, conforme percepções extraídas do nosso cotidiano em sala de aula e do contato com colegas de profissão. Por outro lado, tínhamos alunos em casa, alguns conectados no celular, acompanhando os principais acontecimentos da sociedade em suas redes sociais - e outros, totalmente alheios aos acontecimentos, recebendo somente o material

impresso, pouco atrativo e desconexo com a sua realidade. Assim como ocorreu em comunidades mais afastadas do Rio de Janeiro, como no caso do Jardim Gramacho na Baixada Fluminense, onde um grupo de alunos estava “sem acesso à plataforma do ensino por falta de um bom serviço de internet”, e dependiam das apostilas que não sabiam como ler, entender e estudar. As poucas mães – os pais se mostram, em geral, ausentes – com condições práticas de ajudar no processo de aprendizagem enfrentam, porém, a mesma dificuldade para compreender e explicar o conteúdo das apostilas (COSTAS, 2021, pág. 148).

Apesar das relações sociais, econômicas e estruturais serem distintas entre o município do Rio de Janeiro e o município de Quaraí, as relações educacionais são semelhantes em vários aspectos, porém, os antagonismos intelectuais dos pais, assim como os antagonismos econômicos e digitais de alguns familiares do município de Quaraí contribuíram para o desempenho escolar positivo ou negativo dos educandos. Tais constatações são facilmente encontradas nos relatos dos profissionais da nossa realidade e desde uma observação assistemática e empírica nossa, como professores mesmo e no cotidiano da escola.

Dentro desse cenário educacional exaltado pela pandemia com inúmeros antagonismos, o papel do professor se elevou e a sociedade passou a ter um novo olhar sobre esse profissional e novas interrogações surgiram, então, com o objetivo de rever a postura dele, conforme o questionamento da pesquisadora Maria Cristina Lima Paniago Lopes “Como propor aos professores acostumados a escrever no papel, usando caneta, lápis e borracha, e a ler textos impressos, folheando página por página, sublinhando o que mais lhe interessa, a também usar um teclado e mouse para digitar seus trabalhos ou a também ler textos e hipertextos com links sem sequência linear?” (LOPES, 2009), essa e outras reflexões continuam presentes no ambiente educacional, principalmente, em relação à formação continuada dos professores e, dado esse contexto, inúmeros cursos online foram disponibilizados para buscar mudar essa estrutura de ensino, didático-metodológica tradicional, ainda muito presente entre professores.

A pandemia reacendeu a reflexão sobre as mudanças necessárias na formação acadêmica e na postura do professor em relação a suas metodologias de ensino, pois, assim como toda a sociedade se movimenta em torno das tecnologias, a escola também tem que passar, com urgência, para essa fase de transição da era

analógica para a digital, por isso, a reflexão de Lopes (idem) é fundamental para compreendermos os antagonismos digitais entre as gerações que frequentam o espaço escolar.

O ambiente escolar está permeado de sujeitos de diferentes gerações e “para explicar essas diferenças entre as gerações, muitos estudos indicam denominações, que delimitam em qual período fazemos parte: os baby boomer (1946 e 1964), geração X (1965 e 1978), geração Y (1979 e 1992) e geração Z (a partir de 1993)” (ROSA, 2012), e, ainda, estamos recebendo, nos anos finais do ensino fundamental, a Geração Alfa, que compreende os nascidos a partir de 2010. Assim que, desse modo, ocorrem os principais conflitos de gerações em relação às novas tecnologias e o ambiente escolar de pedagogias tradicionais de ensino. Não é mesmo possível ensinar de modo tradicional e novas gerações que chegam à escola com novas competências e habilidades e em busca de outras que o mundo lhes pareça exigir.

A cada ano, temos gerações de docentes que ficam também, por sua vez, mais distantes das tecnologias utilizadas pelas novas gerações, principalmente, devido a todos os aspectos citados anteriormente, “a geração Z vem tendo maior dificuldade em se adaptar ao sistema de ensino do que as demais gerações, um dos motivos dessa rejeição é que eles consideram a escola um espaço desconectado do mundo” (ROSA, 2012), ou seja, a escola não atrai mais as novas gerações que estão ligadas nas redes sociais, redes essas que inserem, instantaneamente, inúmeras informações que precisam ser “peneiradas”, ou melhor, filtradas por alguém que tenha capacidade intelectual e senso crítico do que está sendo publicado naquele momento, por isso, a mediação entre as redes sociais e o aluno é uma das estratégias que poderiam ser utilizadas pelo docente para construir uma nova metodologia de ensino atrativa e próxima da realidade das novas gerações. (um movimento que vem na verdade da BNCC, desde 2018, de formação continuada e etc.).

Sendo assim, “o professor precisa de uma formação que o capacite a enfrentar os novos desafios que a dinâmica da sociedade traz, pois hoje (dizia Belão já em 2010), a informação e o conhecimento contam com diversas formas de transmissão e quase todas utilizam tecnologias” (BELÃO, 2010). Isso dá conta do quanto as escolas estão atrasadas, sobretudo, as públicas.

Não podemos mais ficar presos aos métodos tradicionais de ensino e do mesmo modo, a cultura midiática não pode ficar somente na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), tem que estar nas ações curriculares das escolas e nas formações continuadas dos professores. Por isso, a rede de ensino de Quaraí é conveniada com o sistema de ensino “Aprende Brasil” para dar suporte técnico aos professores, com cursos de aperfeiçoamento e um aplicativo que serve de auxiliar para que os professores melhorem suas metodologias de ensino. A inserção ao mundo tecnológico, ligada às redes mundiais de computadores, ainda está distante do ambiente escolar da zona rural porque as tecnologias digitais, principalmente, o acesso à internet e a falta de sinal telefônico, dificultam o uso dos recursos digitais e as plataformas disponibilizadas pelo sistema educacional, nesse cenário, os professores ainda estão focados no método de ensino ligado ao livro didático, que também é disponibilizado pela conveniada.

A escola e seus docentes precisam reestruturar os seus modelos de ensino e pensar que uma das saídas para deixar a educação escolar mais atrativa pode ser que “as Mídias Sociais, enquanto produtos possibilitados pela emergência das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) passam a ganhar destaque no contexto educacional. Os conteúdos dessas mídias, cada vez mais dinâmicos, constituídos por imagens, sons, animações, textos e hipertextos, ao tempo em que oferecem diversas possibilidades de sua utilização na construção do conhecimento, requerem novos letramentos, novas apropriações” (SANTOS e CARVALHO, 2020).

Muitos docentes precisam passar por um processo de aperfeiçoamento e de superação do conformismo (no sentido de aceitar a situação atual da educação) e, assim, “a incorporação da Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no cotidiano das pessoas, nos mais diversos espaços sociais, tem sido um fator de manifestação e criação de novos hábitos, o que sinaliza a possibilidade de construção de inéditas formas de relacionamentos interpessoais e organizacionais” (SANTOS e CARVALHO, 2020). Além dos docentes que precisam passar por um processo de aperfeiçoamento, muitos familiares também precisam repensar a sua maneira de ensinar os seus filhos e a pandemia mostrou que as estruturas familiares estavam em processo de desestruturação, já que as escolas têm um papel decisivo na formação dos jovens.

Portanto, a educação escolar precisa andar junto com as mudanças tecnológicas, propiciando uma educação mais atrativa, empírica e de qualidade para todas as gerações que frequentam o ambiente escolar e, além disso, precisa caminhar junto com as famílias. O envolvimento familiar com os desafios da educação foi realmente sentido como um fator determinante durante a pandemia da COVID-19, de sucesso nas iniciativas de ensino- aprendizagem.

O ensino remoto mostrou, para a gestão escolar, que alguns jovens das escolas rurais conseguiam oportunidades de trabalho na informalidade e esse trabalho gerava uma renda extra para a família e que, na maioria das vezes, não precisavam do conhecimento escolar; nesse contexto, muitos ficaram entusiasmados com a renda do trabalho e desanimados com os estudos. Cenário que ficou evidente quando foram realizadas as visitas nas residências dos educandos para a entrega do material impresso durante a pandemia, quando se ouviram relatos de que muitos acreditavam que a escola tem que seguir os métodos tradicionais de ensino e não poderia estar “correndo atrás de aluno”<sup>3</sup>. Conforme relatos dos próprios familiares “a escola tem que ser como era antes, os professores tinham que reprovar todos que não fazem as atividades remotas”, e ou “aqueles que não conseguiam ir até o final da escola, iam trabalhar”. A aversão ao ambiente escolar em certas situações ficou bastante em evidência, pois alguns pais e responsáveis enalteciam que seus filhos estavam conseguindo uma renda extra sem o conhecimento escolar e que estavam em uma situação financeira melhor que eles. A escola era vista, então, como algo que “atrapalhava a eles”, e eram frequentes reclamações do tipo: “o que vocês querem? O guri não quer fazer as atividades, o que eu vou fazer? Vou bater nele?” (relato de um pai). Os relatos são aqui meramente ilustrativos porque não integram um corpus de pesquisa propriamente.

Os relatos dos educandos e de seus familiares, à época, nos mostraram que a escola precisa trilhar um novo caminho e mostrar para a comunidade escolar que ela é uma instituição confiável, necessária e que ainda pode melhorar. Não são relatos em um conjunto de dados científicos, mas possuem um valor testemunhal. Mesmo a escola estando em um mundo analógico, como na maioria das vezes, ela

---

<sup>3</sup> Referimo-nos aqui a visitas como professores e gestores que realizamos durante o período pandêmico e não a vistas supostamente realizadas para efeito de coleta de dados por entrevista para a finalidade deste artigo. Nosso método de trabalho foi o etnográfico, com análise filosófica a partir da experiência vivencial.

pode melhorar o mundo do trabalho dos jovens e esses melhorarem a região, se forem melhor qualificados educacionalmente. O trabalho pode ser algo transitório, enquanto a formação é para a vida toda. Uma colocação num emprego e renda, a vida pode tirar da pessoa, mas um conhecimento não. Sem falar no fato de que o trabalho evoluiu, como vimos acontecer durante a pandemia, o que faz do trabalhador um sujeito que precisa sempre estar em constante qualificação e capacitação continuada para assimilar mudanças. É a escola quem precisa oportunizar isso.

O principal desafio da educação, a nosso ver, tanto rural quanto urbano é o de atrelar TDICs aos métodos tradicionais de ensino, mesmo para jovens das zonas rurais que não possuem uma internet de qualidade, ou sequer um sinal de conexão. O atraso tecnológico, o antagonismo digital e do mundo do trabalho ligado ao setor primário, impedem que as escolas rurais e parte de outras, periféricas, busquem novas soluções para enfrentamento desses desafios como os que estiveram intensificados com a pandemia e sem a condição de aulas presenciais.

Entre as soluções encontradas nos pós-pandemia, uma ideia foi a de trazer a família ainda para mais próximo possível do ambiente escolar, apesar da distância da escola, da dificuldade de transporte para todos. Atividades pedagógicas que envolviam os familiares foram ainda mais constantes, bem como palestras de profissionais que são parceiros da escola relacionando o cotidiano dos familiares a atividades recreativas que foram proibidas devido à aglomeração durante a pandemia. Estas ações estiveram entre as soluções encontradas para mostrar que a escola pode ser um ambiente atrativo e respira conhecimento sobre todas as áreas e formas possíveis. Evidentemente, elas não foram suficientes. Havia e ainda há muita necessidade de que outras ações sejam feitas para que o ensino nas zonas rurais não tenha que passar por uma situação dramática como a ocorrida em 2020-2021.

#### **4. DESAFIOS PARA IMPLANTAÇÃO EM LOCAIS DISTANTES**

Com a pandemia, inúmeros desafios surgiram e um novo modelo de escola também surgia, naquele cenário de novos planejamentos e que foram traçados para suprir a ausência física da escola durante a pandemia da COVID-19. Muitas ações

governamentais foram construídas, ações essas que ficavam distante da realidade das escolas rurais, por exemplo, o ensino híbrido, com aulas virtuais, em plataforma digital. Nesse novo contexto escolar, onde “a escola contemporânea insere-se num contexto de comunicação em que o consumo midiático é recorrente na vida dos professores e alunos. Com o fechamento das instituições de ensino em decorrência dessa pandemia, inicialmente denominada de novo Coronavírus, o consumo é ampliado no cotidiano da educação não presencial” (SPINELLI, GENERALLI, HOFF, P. 168, 2021), porém, as escolas rurais iam ficando para trás nesse novo planejamento de escola, principalmente, porque o antagonismo social e digital era um abismo gigante em relação às escolas urbanas.

A escola contemporânea que surgia com a pandemia não fazia parte da realidade pragmática das escolas rurais, ainda mais que as novas metodologias de ensino e o novo modelo de escola tinham inúmeras barreiras a serem superadas pelas escolas do campo, tais como a ausência de um simples sinal de telefone, pois a região onde fica uma das escolas rurais do município, nem sinal de telefone até hoje tem, muito menos sinal de internet para as aulas virtuais. Outro fator complicador era a distância percorrida pelos alunos no transporte escolar, transporte esse que no pós-pandemia era algo assustador para quem pensava o retorno escolar e o distanciamento social. Inicialmente, realizar aulas escalonadas foi um verdadeiro quebra-cabeças, pois como trazer jovens de regiões distantes e turmas diferenciadas em dias diferentes? Como realizar um momento de refeição com distanciamento em um refeitório pequeno? Como mostrar para os familiares que a escola era um lugar seguro na questão sanitária? Esses e outros desafios foram colocados na mesa da gestão escolar e foram pensados minuciosamente para que o retorno escolar fosse o mais seguro possível. Muitos não tiveram respostas aqui como não tiveram na nossa realidade empírica.

Além desses aspectos técnicos, o maior desafio ainda era e é implantar uma escola contemporânea nas regiões distantes dos grandes centros urbanos e criar uma perspectiva de futuro para os jovens que estão, literalmente, presos a um setor econômico sempre associado ao baixo grau de instrução escolar: o setor primário. O papel do professor nessas realidades é fundamental para a inserção de novas práticas e percepções de mundo, pois, as tecnologias também estão cada vez mais

presentes no setor primário e em busca de melhorar o desempenho e o rendimento na produção.

Esse desafio vai além dos aspectos físicos e estruturais que são fundamentais para a inserção no mundo digital; ele vai na direção da formação continuada dos professores e, nesse cenário, as ações governamentais do município incluíram cursos on-line para aprimorar a capacidade intelectual dos professores em relação às novas tecnologias e mediante o cenário pandêmico que vivenciavam.

“Atualmente, (re)afirmar que a postura do professor transmissor de informações deve dar lugar à postura de mediador entre o sujeito e o objeto de conhecimento parece ser redundante e insuficiente aos anseios daqueles que estão se tornando professores ou cuja formação acadêmica não favorece a prática pedagógica, sobretudo quando se trata do aprendiz do mundo contemporâneo” (BACICH, MORAN, 2018, pág. 188). Essa nova postura do professor foi algo fundamental para superarmos os desafios da escola contemporânea, mas somente isso não basta, é preciso reformulações nas legislações governamentais as quais precisam visualizar os antagonismos existentes no ambiente escolar e não apenas levar em consideração provas que avaliam apenas aspectos quantitativos e esquecem os aspectos regionais. A pandemia veio mostrar que uma nova forma de compreender escola é ainda necessária, não obstante os muitos modelos de inovação que se replicam mundo afora, mas principalmente, que a padronização não pode ter vez nessa construção.

A comunidade escolar que envolve as escolas rurais do município tem inúmeras características próprias que dificultam o modelo de ensino que a pandemia inseriu na sociedade, como falta de acesso às novas tecnologias, dificuldade de acesso aos meios de transporte e, ainda, produtores rurais que têm como base econômica a agricultura familiar.

Nesse sentido, a escola contemporânea em regiões de difícil acesso ainda precisa ser olhada com base em um novo olhar pelas políticas educacionais, independente se o número de alunos for baixo ou elevado, pois, nesse contexto, muitas vezes, essas escolas mais distantes são deixadas de lado, uma vez que não trazem retorno à classe política e aos governos como trazem, por exemplo, as escolas de grande porte em áreas urbanas.

Enfim, a escola contemporânea ligada ao mundo midiático, que teve seu processo agilizado com a pandemia, precisa chegar nas escolas rurais para deixar a educação brasileira no sentido correto das legislações. No sentido da educação de qualidade para todos. Mesmo que alguns professores relutem a não mais realizar as formações continuadas disponibilizadas pela rede de ensino e também disponibilizadas gratuitamente em inúmeras outras plataformas, pois acreditam que sua experiência educacional é o principal aspecto para o ensino de qualidade, o avanço educacional e as relações com os educandos e os familiares avançam consideravelmente. Isso fica evidente quando ocorrem as avaliações externas e atividades propostas pelo município que sempre enaltecem a capacidade intelectual e social dos jovens da zona rural. A visão de uma nova educação está sempre presente nas rodas de conversa e reuniões pedagógicas, sendo as inúmeras dificuldades invariavelmente apresentadas em ambientes de trabalho ou mesmo informais, por quem vive a educação diária. O que sinalizamos é que estas questões sempre parecem nos levar na direção da conclusão de que o professor precisa estar sempre atualizado, principalmente, em relação aos novos modelos de ensino, que envolvem além das novas tecnologias, os novos modelos de alunos que cada vez mais apresentam dificuldades cognitivas, psicológicas e motoras. Mas também que essa atualização não produz efeitos sozinha, sem que os ambientes de aprendizado sejam mais apropriados e as tecnologias de educação minimamente acessíveis. Isso tudo faz com que professores tradicionais acabem tendo que repensar os seus modelos de atuação em sala de aula, mas também, infelizmente, presos ao contexto dentro das realidades mesmas em que encontram as condições efetivas do seu trabalho.

Pretendemos que este trabalho seja oportunamente ampliado por uma pesquisa bibliográfica e documental, apoiado ainda em outros instrumentos de pesquisa e metodologias. Todavia, relatos vivenciais são necessários, principalmente, para fazer frente nas ciências, sobretudo, as sociais e humanas, a trabalhos acadêmicos autorais repletos de referências, mas que não traduzem a verdade dos anseios, dificuldades e problemas reais vividos na educação. É preciso que as ciências pedagógicas, livros e artigos acadêmicos, se voltem cada vez mais sobre o que acontece nas escolas, sem um olhar teórico demasiadamente distante das realidades, sem aplicabilidade e baseados muitas vezes em condições ideais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o contexto educacional acelerado que surgiu devido à pandemia e voltado para o mundo midiático, as escolas rurais foram afetadas em dobro, pois as novas tecnologias estavam e estão distantes do campo educacional das escolas rurais e de muitas residências dos estudantes dessas regiões. Nesse cenário apresentado por força do inesperado de um contágio global do vírus, a educação escolar rural ficou atrelada a algumas aulas realizadas via mensagens de WhatsApp e material impresso levado pelo transporte escolar até as residências dos educandos. A nova educação escolar que se apresentou nas escolas rurais fez com que muitos professores e as equipes diretivas e pedagógicas construíssem uma nova visão da comunidade escolar e fortalecessem os laços das famílias com a escola. Outro aspecto que ficou em evidência na nossa análise do cotidiano escolar, foi a disparidade socioeconômica dos estudantes e as necessidades econômicas e emocionais que muitos têm e que afetaram diretamente a parte cognitiva do educando no ambiente escolar, conforme os atendimentos especializados realizados por psicólogas no retorno escolar. Com o retorno da aula presencial, todas essas dificuldades ficaram em evidência e os professores montaram estratégias, como aulas diferenciadas para os alunos que apresentaram dificuldades, materiais lúdicos e atendimentos individualizados, para recuperar as habilidades e conteúdos necessários para o avanço escolar naquele momento, porém, a visão socioeconômica adquirida durante o processo de aula remota foi levada em consideração em todos os processos avaliativos e formativos dos educandos.

Enfim, num exercício de reflexão nossa, a escola que pensamos precisaria ter surgido ou feito acontecer durante a pandemia ficou muito distante das comunidades rurais, pois o método tradicional de ensino, sem uso das novas tecnologias, ainda permanece como realidade nessas regiões. Transformar um modelo de ensino em uma comunidade escolar que prefere manter as raízes educacionais no mundo analógico da educação, conforme presenciado em reuniões de pais e responsáveis nas escolas rurais do município, resulta fazer com que o mundo digital ainda permaneça em *stand by*, somente esperando o avanço de outras tecnologias e da

transformação da mentalidade educacional para o mundo midiático, primeiro, dos que gerenciam o campo educacional dessas escolas e por extensão, dos que nela trabalham como professores. O que é ainda mais inviável de acontecer nas condições materiais e de acesso que nos são dadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BACICH, Lilian; MORAN José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, José Moran. – Porto Alegre: Penso, 2018.

BELÃO, Vanessa do R. G. **Alfabetização tecnológica do professor. Extensão em Foco**, Curitiba, n. 5, p. 143-144, jan./jun. 2010. Editora UFPR.

COSTAS, Gundo Rial y. Dos novos meios às novas mediações: o ensino remoto nos tempos da pandemia. **COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO** / Revista do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. — 2021 São Paulo: CCA-ECA-USP, 2021.

LOPES. Maria Cristina Lima Paniago. Formação tecnológica do professor em uma sociedade digital: desafios e perspectivas. **REVISTA POLIFONIA** (P. 165-174) EDUFMT – Cuiabá, 2009. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1015> Acesso em 21, Fev., 2023.

ROSA, Denise Ferreira da. **Impasses contemporâneos e os conflitos de gerações na educação**: estender ou reduzir a formação?. IV Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências. Santa Maria/RS. 2012. Disponível em [http://w3.ufsm.br/senafe/senafe2012/Anais/Eixo\\_4/Denise\\_Ferreira\\_da\\_Rosa.pdf](http://w3.ufsm.br/senafe/senafe2012/Anais/Eixo_4/Denise_Ferreira_da_Rosa.pdf) Acesso em 23 Nov, 2022.

SANTOS, Kleber Emmanuel Oliveira; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. Mídias sociais e educação em tempos de pandemia: o TikTok como suporte aos processos de ensino e aprendizagem. **EM TEIA**, Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana – vol. 11 - número 2 – UFP, Pernambuco, 2020. Disponível em: [https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/248135/pdf\\_1](https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/248135/pdf_1) Acesso em 23 Nov.2022.

SPINELLI, GENERALLI, HOFF. Egle Müller, Sabrina, Tania Marcia Cezar. Mídia na escola: um relato de prática pedagógica na pandemia. **COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO** / Revista do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo: CCA-ECA-USP, 2021.